

A ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS E APLICAÇÕES

Maria do Rosario Valencise GREGOLIN ¹

- RESUMO: Este trabalho discute alguns conceitos fundamentais e as tarefas da Análise do Discurso. Procura-se delinear, dentre as várias linhas da AD, as propostas da semiótica greimasiana, com o objetivo de enfatizar a importância dessa linha de estudos dentro da Linguística moderna.
- PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; discurso; texto; semiótica greimasiana; teoria do discurso.

Discurso, texto e sentido

Ao tratarmos de "Análise do Discurso" é prudente, de início, nos colocarmos a questão: o que entendemos por análise do discurso?

Esta pergunta é pertinente porque vários são os conceitos de "análise do discurso", um campo de estudos em formação, cujas fronteiras não estão ainda claramente delimitadas.

Se tomarmos um ponto de vista histórico, perceberemos que o que hoje chamamos de "análise do discurso" tem uma história que chega a dois mil anos, desde os estudos da Retórica grega, e se estende a um presente com ares de *science fiction* na tentativa da linha francesa de empreender uma "análise automática do discurso" por meio da informática. Durante esse longo percurso, um conjunto de preocupações comuns tem delineado um domínio bastante amplo dentro dos estudos linguísticos.

Foi na década de 1970 do nosso século que a AD tomou força, mas não se pode dizer, ainda, que se constitua em um campo claro de estudos. O seu desenvolvimento significou a passagem da Linguística da "frase" para a Linguística do "texto".

Essa mudança no objeto de análise provocou transformações na idéia classicamente aceita de que a "fala" é individual, assistemática e, portanto, não passível de análise científica. Mas o grande problema continua a ser a definição e a metodologia para abordar essa nova unidade de análise.

¹ Departamento de Linguística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP.

O fato de a AD tomar uma unidade de análise maior do que a frase fez que o estudo do "texto" passasse a ocupar lugar central nos estudos lingüísticos. E, exatamente por tomar esse objeto complexo, a AD seguiu várias direções, com diferentes concepções epistemológicas e metodológicas. O que as unifica, no entanto, é o fato de tomarem o seu objeto do ponto de vista lingüístico e de procurarem, no texto, o estudo da DISCURSIVIZAÇÃO.

O texto e o discurso

"Discurso" e "texto" são dois conceitos que convém distinguir. Para isso, tomemos como exemplo o seguinte texto:

DEBAIXO DA PONTE

Carlos Drummond de Andrade

Moravam debaixo da ponte. Oficialmente, não é lugar onde se more, porém eles moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. Não reclamavam contra falta d'água, raramente observada por baixo de pontes. Problema de lixo não tinham; podia ser atirado em qualquer parte, embora não conviesse atirá-lo em parte alguma, se dele vinham muitas vezes o vestuário, o alimento, objetos de casa. Viviam debaixo da ponte, podiam dar esse endereço a amigos, recebê-los, fazê-los desfrutar comodidades internas da ponte.

À tarde surgiu precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem não dispõe de outro rancho. Há bancos confortáveis nos jardins, muito disputados; a calçada, um pouco menos propícia; a cavidade na pedra, o mato. Até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua. O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande posta de carne.

Nem todos os dias se pega uma posta de carne. Não basta procurá-la; é preciso que ela exista, o que costuma acontecer dentro de certas limitações de espaço e de lei. Aquela vinha até eles, debaixo da ponte, e não estavam sonhando, sentiam a presença física da posta, o amigo rindo diante deles, a posta bem palpável, comível. Fora encontrada no vazadouro, supermercado para quem sabe freqüentá-lo, e aqueles três o sabiam, de longa e olfativa ciência.

Comê-la crua ou sem tempero não teria o mesmo gosto. Um de debaixo da ponte saiu à caça de sal. E havia sal a um canto da rua, dentro da lata. Também o sal existia sob determinadas regras, mas pode tornar-se acessível conforme as circunstâncias. E a lata foi trazida para debaixo da ponte.

Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E iriam aproveitar o resto do dia dormindo (pois não há coisa melhor, depois de um prazer, do que o prazer complementar do esquecimento) quando começaram a sentir dores. Dores que foram

aumentando, mas poderiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado, sem que lhe houvesse chegado notícia prévia de alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital.

Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica. Há duas vagas debaixo da ponte.

(Em: *A bolsa & a vida*, Rio de Janeiro: INL, 1971)

Uma primeira leitura deste texto mostra que ele nos conta uma história – é, portanto, uma narração. Essa história contada é relativamente simples: trata-se de personagens que vivem em miséria absoluta e moram debaixo da ponte; certo dia conseguem comida, comem-na, são envenenados e morrem.

Podemos dizer que esta narrativa tem na sua base certos valores que são antagônicos, como *a fartura x a miséria*, *a morte x a vida* – e que esses valores podem aparecer em muitos outros textos e criar muitas outras narrativas. Isto nos leva à conclusão de que um texto é formado por uma *estrutura* que articula diferentes elementos e constitui um *sentido coeso e coerente* (Greimas, 1975).

Podemos, então, refinar a nossa análise e perceber que este texto possui:

1 *um nível fundamental*

Primeira etapa do percurso de geração de sentido, ponto de partida da geração do texto, em que se determina o mínimo de sentido a partir de que ele se constrói – trata-se da relação de oposição ou de diferença entre dois termos, dentro de um universo semântico.

Quando dizemos que um texto “fala” da morte, do amor, da liberdade etc., estamos analisando a sua camada fundamental, o mínimo de sentido sobre o qual ele é construído.

O texto é fundado sobre relações orientadas, primeira condição para a narratividade. Assim, se ele fala da relação entre *a vida* e *a morte*, a narratividade vai-se desenvolver em um determinado sentido:

	vida	morte	vida
OU:	morte	vida	morte

porque o princípio fundamental da narratividade é a *transformação*, e o encadeamento desses valores produz a sucessividade do texto. No texto “Debaixo da ponte”, temos o percurso da *morte* (a miséria absoluta) para a *vida* (quando os sujeitos conseguem alimentos) e para a *morte* (quando os sujeitos são envenenados pela comida).

Esses valores fundamentais podem ser tomados como positivos (eufóricos) ou negativos (disfóricos). Essa oposição, que chamamos de “tímica”, vai determinar a linha argumentativa do texto. Em “Debaixo da ponte” temos a valoração negativa da *miséria*, que provoca a fome e a morte, em oposição à *fartura*, que é a vida.

2 um nível narrativo

No segundo nível do percurso gerativo de sentido, os valores fundamentais são narrativizados a partir de um sujeito.

Assim, a narrativa simula a história do homem em busca de valores e os contratos e conflitos que marcam os relacionamentos humanos. A narrativa se constitui de quatro fases:

a) **MANIPULAÇÃO**: os miseráveis são manipulados pela miséria e pela fome a provar do alimento trazido por um amigo. A presença física do alimento os seduz a quererem prová-lo;

b) **COMPETÊNCIA**: manipulado, o sujeito precisa adquirir competência para realizar a ação. Essa competência pode ser o **SABER**, o **PODER** e o **QUERER**. Quando, em um conto de fadas, o herói obtém um "objeto mágico", ele está adquirindo **PODER** para realizar certas coisas. No texto "Debaixo da ponte" os sujeitos precisam de "sal" para poderem comer o alimento; quando o conseguem estão aptos a realizar a ação;

c) **PERFORMANCE**: os sujeitos realizam a ação (se alimentam);

d) **SANÇÃO**: depois de realizada a ação, os sujeitos são recompensados (sanção positiva) ou punidos (sanção negativa). Neste texto a sanção é negativa pois os sujeitos morrem envenenados pela comida.

Como já dissemos, esses valores e essa narrativa que estruturam o texto "Debaixo da ponte" podem aparecer em muitos outros textos. O que, então, faz que esse texto seja diferente de outros textos que têm os mesmos valores básicos e a mesma narrativa?

O que o diferencia de outros textos é o modo como esses valores e essa narrativa são *discursivizados*, o que significa dizer que um texto possui uma estrutura *discursiva*.

3 o nível discursivo

O nível discursivo é o patamar mais superficial do percurso gerativo do sentido, o mais próximo da manifestação textual. As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de "escolhas", de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado "ponto de vista". A narrativa é, assim, "enriquecida" com essas opções do sujeito da enunciação.

No texto "Debaixo da ponte" podemos perceber que:

a) É utilizada a terceira pessoa para caracterizar os personagens; eles não têm nome nem características particulares – a indeterminação cria o efeito de sentido de "anonimato", de uma miséria tão absoluta que os priva até mesmo de um nome próprio;

b) Outro elemento muito importante do nível do discurso deste texto é a espacialização – os personagens são caracterizados pelo “lugar onde moram”, o nome próprio que lhes é atribuído é uma localização espacial (*os de debaixo da ponte*) que constrói a oposição entre “os que moram debaixo da ponte” e os outros (*A ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo*);

c) A temporalização, ao indefinir o momento da ação, constrói o efeito de eternização da miséria (*moravam debaixo da ponte...*) e permite que o final do texto seja aberto em um movimento cíclico que retoma o início do texto (*Há duas vagas debaixo da ponte...*).

Esses recursos do nível discursivo têm como objetivo estabelecer a relação entre o enunciador do texto e o enunciatário, permitindo a interpretação por meio de marcas espalhadas no texto. Essas marcas conduzem o leitor a perceber a orientação argumentativa e as relações entre o texto e o contexto em que foi produzido.

Entendemos, portanto, *discurso* como um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu.

O discurso e a ideologia

O DISCURSO é um suporte abstrato que sustenta os vários TEXTOS (concretos) que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas, das estruturas semio-narrativas. Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz?, como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?).

Ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o campo da língua (susceptível de ser estudada pela Linguística) e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia).

A “ideologia” é um conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade. Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em *última instância* pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua.

A essa determinação em última instância, Pêcheux (1990) denomina “formação ideológica” ou “condições de produção do discurso”. Uma sociedade possui várias formações ideológicas, e a cada uma delas corresponde uma “formação discursiva” (“o que se pode e se deve dizer em determinada época, em determinada sociedade”).

Por isso, os processos discursivos estão na fonte da produção dos sentidos e a língua é o lugar material onde se realizam os "efeitos de sentido".

Segundo Althusser (s.d.), a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a "ilusão" de liberdade do sujeito. A reprodução da ideologia é assegurada por "aparelhos ideológicos" (religioso, político, escolar etc.) em cujo interior as classes sociais se organizam em formações ideológicas ("conjunto complexo de atitudes e representações").

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (Pêcheux, 1990, p.18).

Segundo Fiorin (1990, p.177),

o discurso deve ser visto como objeto lingüístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos.

As investigações mais recentes em Análise do Discurso consideram que é possível construir procedimentos efetivos capazes de restituir o traço da estrutura invariante dos discursos (o sistema de suas "funções") sob a série combinatória de suas variações superficiais, ou seja, descrever e explicar a estrutura presente na série de seus efeitos (Pêcheux, 1990, p.255).

A AD precisa realizar uma análise que alie o interno (discursivização) e o externo (relação enunciado/enunciação). Do nosso ponto de vista, o projeto semiótico greimasiano conseguiu desenvolver uma análise "interna" consistente, e abriu perspectivas para uma análise externa.

A semiótica greimasiana tem por objetivo analisar a construção e a organização dos discursos e dos textos através de um conjunto de regras. Procura desenvolver uma "gramática" capaz de entender como se constrói o percurso gerativo do sentido em textos.

Análise do discurso: alguns elementos

Na análise do discurso subjacente a um texto, podemos observar as projeções da enunciação no enunciado; os recursos de persuasão utilizados para criar a "verdade" do texto (relação enunciador/enunciário) e os temas e figuras utilizados.

A enunciação pode ser reconstruída pelas “marcas” espalhadas no enunciado; é no discurso que se percebem com mais clareza os valores sobre os quais se assenta o texto. Analisar o discurso é, por isso, determinar as condições de produção do texto.

Podemos, por exemplo, analisar o uso das categorias de pessoa, espaço e tempo, que, no discurso, não são as mesmas da enunciação: quem diz “eu” no texto não é o autor, nem são seus o tempo e o espaço. Importa verificar quais os procedimentos utilizados e quais os efeitos de sentido criados.

Nas notícias de jornal é comum que o enunciador procure construir o efeito de *objetividade* e, para isso, mantém a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua “imparcialidade”. Os recursos utilizados são o uso da 3ª pessoa, no tempo do “então” e no espaço do “lá”, e o uso do discurso direto para garantir a verdade.

Um procedimento oposto, que cria o efeito de proximidade com a enunciação, é, por exemplo, aquele utilizado nas autobiografias, em que há caráter subjetivo através do uso da 1ª pessoa, o tempo do “agora” e o espaço do “aqui”.

Outro exemplo dessa complexidade enunciativa são os romances policiais narrados em 1ª pessoa, em que o enunciador possui um saber parcial, o que cria o suspense. Esse procedimento é utilizado para criar cumplicidade entre o enunciador e o enunciatário – se o enunciador mostrasse saber, por exemplo, quem é o assassino e desse pistas falsas, o leitor poderia sentir-se “traído”.

A ambigüidade pode ser criada quando um mesmo ator é o narrador e o sujeito principal da narrativa. É este o recurso utilizado por Machado de Assis em *Dom Casmurro*, onde o narrador mostra somente o seu ponto de vista.

Os fatos contados podem ganhar *status* de “coisas reais”, “acontecidas”, através de ilusões discursivas. Pela *desembreagem interna*, o narrador cede voz aos sujeitos, no discurso direto (delegação interna de voz), e obtém, assim, a “prova de verdade”. Por meio da *ancoragem* são construídos, no discurso, pessoas, tempo e espaço “reais” ou “existentes”, que criam a ilusão de serem “cópias” da realidade. Esse procedimento é típico do discurso jornalístico e do discurso histórico, em que o detalhamento das informações concorre para criar a “verdade do discurso”. O discurso jornalístico caracteriza-se, ainda, pela utilização de imagens que, pelo seu caráter “icônico”, não deixam espaço para a refutação.

Essa “ilusão de realidade” pode ser construída em todos os sistemas semióticos como a pintura (perspectiva, ocupação do espaço, ancoragem histórica), o filme (focalização e posicionamento da câmera), o teatro (jogos de luz, utilização do palco). Da mesma forma, pode-se construir a ilusão contrária, de “ficcionalidade”, através, por exemplo, da utilização da fórmula discursiva “era uma vez...”.

O enunciador quer fazer o enunciatário crer na verdade do discurso. Por isso, ele tem um fazer persuasivo e o enunciatário tem um fazer interpretativo. Há um contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário. Por isso, o enunciador constrói no discurso todo um dispositivo veridictório, espalha marcas que devem ser encontradas e interpretadas pelo enunciatário. Nessas marcas estão embutidas as imagens de ambos (os seus sistemas de crenças, as imagens recíprocas etc.). São estratégias

discursivas, por exemplo, a implicação e/ou a explicitação de conteúdos, que constroem o texto por meio de pressupostos e de subentendidos. Segundo Ducrot (1977; 1987), os subentendidos são um recurso utilizado para que possamos “dizer sem dizer”, para que possamos afirmar algo sem assumir a responsabilidade de termos dito.

Para entender os sentidos subentendidos em um texto é preciso que o enunciador e o enunciatário tenham um conhecimento *partilhado* que lhes permita inferirem os significados. Esse conhecimento de mundo envolve o contexto sócio-histórico a que o texto se refere.

A coerência semântica do discurso é obtida através da tematização e da figurativização. Na *tematização* os valores do texto são organizados por meio da recorrência de traços semânticos que se repetem no discurso e o tornam coerente.

Na *figurativização* os temas são concretizados em figuras que lhes atribuem traços de revestimento sensorial. Por exemplo, o tema da LIBERDADE pode ser figurativizado como uma “velha calça azul e desbotada” (na propaganda de *jeans*), como uma “pomba voando” ou uma “moça cavalgando”. O efeito de veridicção se fundamenta no reconhecimento das figuras.

A *coerência textual* é assegurada pela *isotopia*, pela recorrência de temas e figuras que constitui a linha sintagmática e a coerência semântica do discurso. Sempre há uma figura que é um “desencadeador de isotopia”, que constrói um percurso isotópico e nos fornece uma direção de leitura do texto.

A importância atual da AD

Empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, lingüístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.

A Análise do Discurso pode constituir-se em um valioso instrumental de trabalho no ensino de língua portuguesa, já que oferece os meios para a reflexão sobre a estrutura e a geração do sentido do texto. Por meio da Análise do Discurso, o professor pode conduzir os alunos na descoberta das pistas que podem levá-los à interpretação dos sentidos, a descobrirem as marcas estruturais e ideológicas dos textos. A compreensão do discurso pode enriquecer as atividades desenvolvidas na sala de aula na medida em que permite trabalhar com várias modalidades textuais como a jornalística, a política, as histórias em quadrinhos etc. A riqueza desses textos certamente ajudará no trabalho de resgatar o discurso dos alunos, levando-os a construir seus próprios textos com crítica e inventividade.

GREGOLIN, M. R. V. Discourse analysis: concepts and aims. *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.13-21, 1995.

- **ABSTRACT:** *This paper discusses the concept and the aims of Discourse Analysis, and analyses the theoretical foundations of greimasian semiotics proposals.*
- **KEYWORDS:** *Discourse Analysis; discourse; text; greimasian semiotics; theory of discourse.*

Referências bibliográficas

- 1 ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Almedina, s.d.
- 2 DUCROT, O. *Dizer e não dizer*. Princípios de Linguística Semântica. São Paulo: Cultrix, 1977.
- 3 _____. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- 4 FIORIN, J. L. Tendências da análise do discurso. *Estudos Linguísticos*, v.19, p.173-9, 1990.
- 5 GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido; ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- 6 PÊCHEUX, M. Apresentação da AAD. In: GADET, F., HAK, H. *Por uma análise automática do discurso* (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.